

**TEMAS DA PSICANÁLISE
HUMANISTA**

**A FORÇA
TERAPÊUTICA DO
AMOR**

*uma contribuição da psicanálise
humanista para compreensão das
doenças psicossomáticas*

Zalmiro Francisco Dubal

C691 Coleção temas da psicanálise humanista
Zalmero Francisco Dubal
... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria:
Ed. ITPOH, 2011. 78 p.; 17cm.
ISBN 978-85-86991202
1. Psicologia 2. Psicanálise
3. Psicanálise humanista
I. Dubal, Zalmero Francisco CDU 159.964.2

Ficha catalográfica elaborada por:
Maristela Eckhardt
CRB-10/737

Produção Gráfica:
Jeferson Luis Zaremski

Revisão Ortográfica:
Patrícia Carlotto Schneider

Impressão:
Gráfica PP | Santa Maria - RS

Editora: Instituto de Psicanálise Humanista
Rua dos Miosótis, 225 | Bairro: Patronato
CEP: 90.800-020 | Santa Maria - RS.

Fone: (55) 3222.3238
www.itpoh.com.br

SUMÁRIO

1. Considerações Iniciais	05
2. As inquietações de Sigmund Freud	10
2.1 Linhas Gerais do Pensamento de Freud .	15
2.2 O lado humano da Psicanálise de Freud .	20
3 Novas teorias	23
3.1 Carl Gustav Jung	25
3.2 Alfred Adler	28
3.3 Otto Rank	31
3.4 Karen Horney	35
3.5 Harri Stack Sullivan	38
4 Considerações sobre o desenvolvimento do pensamento humanista	40
4.1 A Teoria e a Prática Clínica da Psicanálise Humanista de Erich Fromm .	49
4.2 Idéias Fundamentais do humanismo de Erich Fromm	52
5 Considerações sobre a psicanálise humanista como ciência da humanização	57
6 A contribuição da psicanálise humanista no processo de cura das doenças psicossomáticas	71
7 Considerações finais	75
Bibliografia	77

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como todas as áreas do conhecimento, a interpretação da origem das doenças orgânicas, e especialmente das doenças psíquicas, também passaram por várias formas de interpretação ao longo da história.

Na antiga Grécia, onde se desenvolveram diversas teorias e correntes do conhecimento, todo o tipo de doenças, e especialmente aquelas que envolviam transtornos na área do comportamento eram atribuídas aos caprichos e até mesmo ao castigo e ciúmes dos deuses.

Esta forma de interpretação mística da origem das doenças se mantém resistente, por longos séculos, mesmo com o desabrochar da medicina, com os estudos de Hipócrates (460 - 360 AC), Galeno de Pérgamo (129 – 200 dC) e outros importantes nomes da história médica.

Hipócrates [...] não concordava com o caráter sagrado e divino atribuído a loucura, ao contrário,

questionava as classificações mitológicas de cada doença orgânica ou psíquica de acordo com o seu deus ou pelo “Daimon” que eram vistos como responsáveis por estes distúrbios. [...] A vontade de Hipócrates era demonstrar que estes sintomas e doenças não tinham nenhuma ligação com o demônio ou satanás, sua intenção era mostrar que a etiologia da natureza da doença, ou mais especificamente, das insanidades mentais, tinham alguma origem na esfera psíquica e orgânica. (PEREIRA, 2009, p.68-69)

Durante a Idade Média, a partir do século XV e XVII já não se atribui tanto a Deus à causa das doenças, mas a ação direta do demônio ou mesmo de maus espíritos.

Teólogos importantes do Cristianismo, como Santo Agostinho e São Tomas de Aquino, muito contribuíram na sustentação desta compreensão equivocada da causa das doenças mentais e sobre a prática do exorcismo como

caminho de cura e afugentação do demônio.

Qualquer resistência a este modelo de interpretação do pensamento cristão, também era julgado e considerado como obra do demônio ou heresia. Todas as doenças e comportamentos anormais do ser humano eram interpretados pelo pensamento católico como uma forma de insanidade. Neste contexto o conceito mais usado para explicação das doenças mentais é explicado conforme citação abaixo:

[...] todas essas doenças eram explicadas sobre o poder da dominação do demônio sobre a vida afetiva e sexual. Nos textos do renascimento, são explicados os veículos orgânicos que podem ter o poder diabólico. O demônio tem o poder de modificar o humor, bloquear as emoções no cérebro, alterar a percepção da realidade, suprimir as funções sensoriais e motoras. (PEREIRA, 2009, p.73)

Somente a partir do século XVII e XVIII começam a prosperar novos avanços que passam a contribuir decisivamente no

desenvolvimento da compreensão científica da origem das doenças psicossomáticas. Na medida em que vão acontecendo avanços no conhecimento científico também vão acontecendo avanços e descobertas sobre as causas e também sobre novas formas de tratamento das mais diversas doenças.

Jenner (1796) descobre que inoculando na pele da pessoa infectada o vírus proveniente de uma doença da vaca criava-se a resistência contra a varíola. Assim descobriu-se a vacina como método de cura. Louis Pasteur (1822 - 1895) descobriu semelhante tratamento para a raiva a partir do vírus obtido por dissecação da medula espinhal dos coelhos. (BARSA, 1967, Vol 5)

Com o desenvolvimento dos estudos na área da Psiquiatria com Philippe Pinel (1745 – 1826); com ascensão da Psicologia com Wilhelm Hundt (1832-1920) e da Psicanálise com Sigmund Freud (1856-1939) inauguram-se novos horizontes para compreensão das causas e tratamentos das doenças, de tal

maneira, que hoje já não são mais aceitáveis as teses do misticismo como causa de doenças.

2 AS INQUIETAÇÕES DE SIGMUND FREUD

Médico, cientista e pesquisador, da área da neurologia, Freud se dá conta, de seus limites para resolver às demandas das doenças do psiquismo. Sua descoberta decisiva se desenvolve, a partir da observação, de que não havia nenhum tratamento neuroquímico que fosse eficaz, e fosse a solução dos sintomas histéricos. Esta constatação, contrária aos seus contemporâneos da área da psiquiatria e neurologia, lhe custaram, perseguições acirradas e resistência da parte dos colegas. Tudo isto, colaborou para que ele decidisse, por abandonar as pesquisas baseadas na medicina tradicional. Sua inquietação como cientista da mente, o levou a criar uma nova interpretação e um novo método de enfrentamento e tratamento das doenças psíquicas: **O MÉTODO PSICANALÍTICO.**

Partindo da observação dos sintomas, Freud descobre que existe uma relação muito próxima entre a formação

das patologias e a estrutura do aparelho psíquico dos seus pacientes.

[...] Nada passava despercebido a este cientista da mente humana. Seus olhos perscrutavam o corpo humano como um bisturi, penetrando profundamente, na retirada de um órgão necrosado. Observava com cuidado a queixa do doente e tentava compreender a lógica de um discurso irracional. Compreendeu que o paciente dizia e defendia uma interpretação de realidade, mas na realidade sua atitude dava um testemunho totalmente ao contrário, então se perguntava: que forças são estas que tem o poder de fazer com que as pessoas realizem um comportamento sem sua consciência? (PEREIRA, 2009a, p.10)

Esta descoberta, o remete à busca da causa das doenças, através da leitura dos conteúdos inconscientes pela informação dos sintomas.

Alguns recursos importantes contribuem para o seu método de

interpretação e comunicação com o inconsciente; são eles: **a interpretação dos sonhos; a associação livre; os atos falhos; os lapsos de linguagem; a interpretação dos símbolos e imagens; a comunicação verbal e não verbal.** Todos esses recursos auxiliam o analista, a acessar o inconsciente a partir do sintoma da neurose; a resignificar o seu conteúdo oculto, e usufruir da sua energia vital.

Freud encontra no seu método de comunicação com o inconsciente, a chave de ouro, para acessar a causa da histeria e de todas as patologias de ordem psíquicas e psicossomáticas. Sua tese fundamental, é que todo o conteúdo pulsional, ao sofrer uma repressão, irá reclamar através de alguma neurose, a sua intencionalidade.

Para ele, o conteúdo que tem mais peso na formação das neuroses, são as pulsões da libido - que por sofrerem a repressão da moral e da religião e de outras formas de repressão, se escondem no inconsciente e voltam à tona, nalguma forma de enfermidade psíquica ou somatização. Seu grande mérito, sem dúvida, foi o de trazer uma nova compreensão da etiologia das

enfermidades, até então sustentadas pela medicina e psiquiatria tradicional, a partir de uma visão organicista, materialista e positivista.

O caminho percorrido para a cura, na visão de Freud, é o caminho da transferência do poder das emoções, em benefício do paciente.

Num primeiro momento, o paciente se assusta porque não tem a mínima consciência das motivações inconscientes que agiam e dominam o seu comportamento. Ao reviver o drama neurótico, aparece durante a análise, a repressão, ou seja, o núcleo neurótico emocional que impede a livre expressão de suas potencialidades. (PEREIRA, 2009a, p.15)

Na verdade, o analista é como a tela onde o paciente irá projetar as suas emoções, ao ser confrontado com elas, e irá fazer a transferência e resignificação de seus conteúdos em favor da cura, da sua neurose existencial.

Nesta dinâmica da transferência, pode ocorrer o que Freud chama de

resistência. São aquelas “forças inconscientes que reprimem as emoções e as pulsões vitais podem impedir a sua interpretação”. (PEREIRA, 2009a, p.16)

Pereira, interpretando Freud, assim conceitua a transferência:

A transferência é a vivência das emoções humanas, neste momento único e mágico o paciente experimenta o poder da emoção. Ao tomar consciência visceral do bloqueio emocional, consegue identificar, onde se encontra o trauma que impede a solução de um tipo determinado de problema pessoal. (PEREIRA, 2009a, p.15)

É na transferência que se manifestam muitos mecanismos de defesas, que podem prejudicar o processo de cura, através da técnica psicanalítica.

2.1 Linhas Gerais do Pensamento de Freud.

O melhor instrumento para entender o desenvolvimento do pensamento e da prática psicanalítica de Sigmund Freud são os seus escritos sobre “As cinco Lições de Psicanálise” em Obras Completas, Volume VI escritas a partir de uma conferência realizada em 1909, na Universidade de Clark (EUA).

Na primeira conferência, Freud expôs sobre o significado psicológico dos sintomas, partindo do caso de Ana O, tratado inicialmente por Josef Breuer, e depois por ele próprio – e faz a constatação, de que esta paciente, como portadora de paralisia histerica e outras patologias, sob investigação de Breuer quando hipnotizada, ela conseguia lembrar e reviver os traumas e se libertar dos sintomas associados ao trauma.

A esta experiência e constatação com Ana O, de libertação das emoções reprimidas (ab-reagir), Breuer e Freud batizou como método de “catarse”. Esta conclusão demonstra que a própria

observação do sintoma, conduz o psicanalista, ao fato traumático que gerou o sintoma.

A segunda conferência sobre o tema “Recalcamento e formação dos Sintomas”, destaca a associação livre, como novo método para alcançar as experiências traumáticas dos pacientes. Segundo Freud, o paciente possui em sua memória a lembrança do fato traumático, e esta lembrança está pronta para emergir, quando se faz associações com o material não esquecido. Constatou-se, nesta observação, a existência de duas forças como duas portas que retêm as lembranças no inconsciente e as impedem que elas se tornem conscientes. A estas duas portas, Freud denominou de recalque e resistência. Cabe ao psicanalista abrir com jeito estas duas portas, para retirar de dentro os conteúdos retidos no inconsciente, e facilitar ao paciente para substituir os sintomas inadequados, pela consciência e dar vazão saudável desta energia retida.

Na terceira conferência, Freud discorreu sobre o tema do “Determinismo Psíquico e dos Atos falhos”. Partindo da constatação, de que nos conteúdos

psíquicos, a idéia não vem por acaso, mas todas estão relacionadas a este conteúdo, Freud cria o conceito de “determinismo psíquico” que se opera através de duas forças antagônicas: o esforço consciente para trazer a tona o material inconsciente e a resistência para impedir que o material revelado e os seus derivados venham à luz. Na interpretação de Jung, este conceito recebe o nome de complexo. “Quando uma experiência dolorosa de afeto está recalcada no paciente, podemos partir da sua ultima lembrança, e descobrir todo o seu complexo, desde que ele faça um número razoável de associações livres. Também se pode chegar ao seu subconsciente, através do método da investigação dos chamados atos falhos, e da interpretação dos sonhos”.

Na apresentação da quarta conferencia, Freud trata sobre o tema da “sexualidade infantil e da neurose”, e demonstra que os sintomas neuróticos, provêm de perturbações eróticas causadas por inibições impostas no inicio do seu desenvolvimento, ainda na infância do individuo, quando ele desperta para lidar com o prazer das suas zonas erógenas. São estas inibições, que prejudicam o

desenvolvimento sexual e provocam perversões e infantilismo, na sua vida sexual e uma predisposição para a neurose.

Na quinta conferência, Freud conclui que o adoecimento humano, ocorre devido à frustração das necessidades eróticas, como uma forma de compensação das satisfações não vividas. Daí, que o paciente apresenta resistência à sua recuperação, e à possibilidade de transferência durante todo o tratamento psicanalítico, em função de suas frustrações e das antigas fantasias e desejos reprimidos no seu inconsciente.

Atento a obra de Windel Jensen, intitulada “Gradiva”, Freud encontrou neste texto, fazendo alusão a cidade de Pompéia que foi soterrada pelo Vesúvio, com os processos mentais, que também foram soterrados pela repressão, e que teriam possibilidade de serem descobertos pelo método da psicanálise.

Como a imagem da jovem Gradiva, de vestes emocionantes e caminhar graciosos, que despertam os sonhos do arqueólogo Norbert Hanold, podem ser interpretados de diversas formas, Freud interpreta este texto, e o apresenta como

justificativa de sua tese psicanalítica, da interpretação dos sonhos e do método catártico.

Na sua análise a cerca do processo civilizatório, no texto Totem e Tabu, Freud faz referências às leis repressivas criadas pelas civilizações e que desenvolveram um sentimento de culpa da humanidade em base aos dados mágico-arcaicos na busca humana de segurança e de amor.

Na sua análise do desenvolvimento da sociedade, Freud entende que o complexo de Édipo, o filho que pretendia matar o pai para ficar com o poder e satisfazer seus desejos pela mãe - estaria na origem de todo o processo civilizatório. Segundo a sua teoria, em seu estudo autobiográfico em 1935, Freud atribui à religião os mesmos conceitos do complexo de Édipo, repressão e libido, e entende a religião como a “neurose obsessiva universal da humanidade” diretamente vinculada ao complexo de Édipo - e que seria superada - assim que o homem superasse as suas fixações infantis e atingisse a sua maturidade. Este entendimento averso de Freud, em relação à religião, desde a sua interpretação e questionamento das origens e autoridade

de Moisés, provoca choque na sua apresentação de suas teorias entre os crentes, tanto do Judaísmo como do Cristianismo, e até mesmo no meio dos psicanalistas. (KEPPE, 2006, p.398-403)

2.2 O lado humano da psicanálise de Freud.

As idéias de Sigmund Freud (1856 – 1930) vêm ascender novas luzes, e contribuir com uma nova maneira de compreender o homem na sua subjetividade, de desejo e de liberdade. Na condição de médico neurologista, formado pela Universidade de Viena, Freud abandonou os privilégios e “status” social da profissão médica, muito presente em todas as sociedades, para se dedicar, desinteressadamente, a escuta das mazelas do ser humano, nas suas dores e angústias.

Freud era um homem realmente “humano”, preocupado com o bem estar de seus pacientes, sempre buscou os diversos métodos para

aliviar a dor, como a hipnose clássica, massagens e choques elétricos. Era um homem impaciente, e vivia angustiado, procurando uma saída para os problemas existenciais e orgânicos dos seus pacientes. (PEREIRA, 2008, p.16)

Neste contato com a dor e o sofrimento humano, Freud, é sempre sensível, estável e amigo de seus pacientes. Sem dúvida, a sua sensibilidade, na escuta clínica, dos sintomas da histeria, e no uso da hipnose, lhe permite um salto significativo na compreensão das doenças, e perceber, a sua relação, com a repressão da sexualidade na infância de suas pacientes. Esta descoberta fascinante de Freud, o leva a aprofundar a pesquisa sobre a origem primeira das doenças, através da escuta, e da interpretação da linguagem do inconsciente. E aqui se iniciam os primeiros passos para a formulação de sua teoria, através do método psicanalítico. Sua descoberta revolucionária, suas conferências, suas obras, vão despertando

reações contrárias e ao mesmo tempo, adesões ao seu método.

3 NOVAS TEORIAS

Deste contato com as teorias de Freud, surgiram novos discípulos, escolas, institutos, alguns mais agarrados e fechados na sua doutrina – e outros – mais abertos – que permitiram avanços, na compreensão e aplicação do método psicanalítico.

Entre aquelas que mais contribuíram para o aprofundamento do método psicanalítico, e para a inclusão dos valores humanos, na relação do analista e paciente, encontram-se Jung, Adler, Sullivan, Karen Horney e por fim, Erich Fromm (1900 – 1980) que com justiça, é considerado o pai da Psicanálise Humanista.

Nesta seqüência da psicanálise, tiveram lugar novas teorias e técnicas de análise que se diferenciam entre si em relação a sua abordagem.

Do fundador da psicanálise, o que permanece em todas as teorias é o seu objetivo principal: a compreensão do inconsciente nas suas diversas formas de expressão.

O encanto excessivo de Freud em relação a pulsão libidinal para compreensão de todas as neuroses, e a teoria do complexo de Édipo, encontram forte repugnância nos seus sucessores que não seguem a sua tendência dogmática.

Segundo Pereira, todos os Psicanalistas concordam sobre o valor e a importância da sexualidade na vida humana. Mas existem outros instintos, talvez muito mais importantes que o prazer sexual.

A dogmatização da pulsão sexual, como sendo o centro da infelicidade humana é um erro, até porque a sociedade e a cultura começam a mostrar outras pulsões, que talvez em ordem de prioridade na existência, estejam acima do sexo. Esta absolutização teórica obedece aos princípios de uma doutrina, e não de uma teoria científica. (PEREIRA, 2009a, p.18)

Podemos citar outras pulsões que certamente estão acima da pulsão do sexo, como a fome, a sede, o sono, a realização; e indiscutivelmente o amor,

como a energia fundamental que dá sustento e qualidade de vida a existência humana. As novas abordagens, no desenvolvimento da Psicanálise Pós-Freud, acrescentam avanços significativos, em relação ao método analítico e a prática clínica da psicanálise, contribuindo para o evento da psicanálise humanista, que se inaugura com pujança determinante, a partir de Erich Fromm.

3.1 Carl Gustav Jung (1885 -1961)

Psiquiatra e Psicanalista, Jung desponta com um novo método de análise terapêutica na tentativa sincera de devolver as condições dignas de saúde de seus pacientes.

Discípulo preferido de Freud, Jung não mantém a mesma preferência pelas suas teorias; especialmente pela intransigência dogmática de Freud em relação à pulsão da libido. Para Jung, a libido transcende ao conceito reduzido de energia sexual e deve ser compreendida como uma energia e propriedade espiritual. Afirma que as principais transformações do

caráter acontecem na idade adulta e não na infância como na visão de Freud. Rejeita a tópica sobre o id, ego e superego de Freud criando novos conceitos para compreensão da energia psíquica – como consciente e inconsciente – em vista da integração e equilíbrio da personalidade na sua psique – como espírito e alma.

Na teoria Junguiana vão aparecendo novos conceitos de psicanálise que irão distanciá-lo cada vez mais do pensamento de Freud - como o conceito de “psique”, o em si mesmo, o de imagens e de arquétipos, a idéia de constelação na análise das emoções, o conceito de pulsão vital no lugar da excessiva erotização da libido de Freud, a existência de um inconsciente coletivo presente no legado da história das civilizações, na arte, na religião, na música, na filosofia e em todas as áreas do saber e do viver.

A humanidade está presente nas memórias emocionais dos nossos antepassados; todas as imagens e símbolos têm origem na necessidade de cada civilização comunicar os desejos do seu

inconsciente, particular, mas também coletivo. (PEREIRA, 2009a, p.56)

No entendimento de Jung, o inconsciente não é uma fonte permanente de emoções reprimidas, e sim uma potencia de energias em favor da inteligência da vida. A imagem que a criança internalizou da mãe, representa o seu primeiro contato com a sua experiência do afeto. O conflito neurótico se desenvolve quando a criança não consegue avançar no seu processo de independência e autonomia. É neste núcleo complexual que estão presentes uma constelação de emoções conflitantes que determinam o seu complexo de mãe ou herói. “Viver de maneira infantil, é estar ligado sobre os complexos na relação com os pais” (PEREIRA, 2009a, p.59). Por isso a recuperação da saúde psíquica se dá quando o analista consegue devolver ao paciente o seu poder interior de independentização.

3.2 Alfred Adler (1870)

Adler, como primeiro discípulo de Freud, apresenta a idéia do “eu ideal”. Este perfeccionismo que desemboca na formação da neurose, e do sentimento de inferioridade, devido à falta, ou a deformação de algum órgão, e por não poder igualar-se às qualidades do outro. O que é profundamente questionável, uma vez que alguém pode sofrer a deformação de um determinado órgão, e se superar noutras áreas de sua personalidade.

No entender de Adler, só é possível resolver um sintoma, seja físico ou psíquico, depois de conseguir mudar o seu estilo de vida, porque muitas doenças têm relação direta com o modo de viver inadequado e equivocado, ou seja, exigências, fixações, prioridades totalmente equivocadas; que acabam ofendendo e agredindo as pulsões vitais do organismo. (PEREIRA, 2009a, p.75)

Sua experiência doentia da infância e inferioridade diante dos irmãos mais velhos determina a sua tese sobre a competição e o desejo de superação do complexo de inferioridade nas relações da primeira infância. Este complexo na relação entre os mais privilegiados, desperta no indivíduo o medo de ser ultrapassado, e um desejo de superação muito forte a qualquer preço. De tal maneira que sua alternativa será a de buscar mecanismos inconscientes para superar o seu dilema interior e carregar o conflito entre o seu corpo e o seu eu real a sua imagem perfeccionista.

Como ser perfeito é impossível ao ser humano, este indivíduo vive em constante conflito em suas relações diante dos outros e de si mesmo. A cobrança constante, o medo do sofrimento e autopunição nalguma forma de sintoma ou comportamento, de desvalorização e agressividade, se fará presente como uma linguagem inconsciente do seu estado neurótico.

Na clínica de Adler, o pressuposto básico é o seguinte, mesmo aquelas pessoas que por

interferência do destino vieram ao mundo com algum tipo de doença física ou emocional, podem assumir na sua vida algum tipo de “sentimento de inferioridade” [...] ao mesmo tempo a natureza oferece todos os recursos colocando ao seu dispor para recuperação de sua segurança e saúde que lhe é tão cara e importante. (PEREIRA, 2009a, p.67)

Para Adler o analista deve levar o paciente a reencontrar no seu inconsciente o seu potencial interior em favor da libertação do seu complexo de desvalorização, de vitimização e inferioridade.

Para finalizar, neste conceito da clínica de Adler é necessário que o analista saiba identificar já a partir da primeira entrevista o seu modo de pensar e operar na existência. Seu discurso, seu lado fantasioso, suas pretensões megalomaníacas, seu senso de realidade, suas crenças, seu interesse em si mesmo, suas prioridades e investimentos, sua capacidade de

inteligência e visão de mundo e valor. (PEREIRA, 2009a, p.74)

Com estas informações é possível ao analista entender porque o paciente tenta se boicotar e fugir dos seus objetivos e esconder-se por de traz do seu complexo de inferioridade.

Este autor chega à compreensão, de que quando o paciente toma o cuidado de si mesmo, o inicio da cura se realiza.

3.3 Otto Rank

Outro autor, que merece destaque como discípulo de Freud, é Otto Rank. Na sua teoria psicanalítica, expõe sobre o trauma do nascimento, que a criança experimenta, a partir da separação do útero da mãe. Esta separação se apresenta, como um motivo forte, de muita ansiedade para a criança. Fala da ansiedade primordial, causada pela separação do paraíso do útero, onde a criança recebe alimento, toda a proteção e carinho. Até a morte, para Rank, é vista como um desejo de voltar ao silêncio e a

tranqüilidade do útero. A luta do ser humano, para tornar-se homem, desde a infância, implica num processo de aprendizado, como um novo nascimento, o que se caracteriza, por constante ansiedade.

Toda a criança que conseguiu, com a ajuda dos pais, fazer este processo com segurança e cuidado, irá desenvolver uma personalidade saudável, ao contrário, crianças que foram ofendidas, negligenciadas, maltratadas, violentadas, agredidas, abandonadas e não receberam os cuidados afetivos e amorosos necessários, terão uma forte tendência a se tornarem neuróticas, e desenvolvem o conflito emocional. (PEREIRA, 2009a, p.77)

A experiência do aconchego, durante a vida intra-uterina, o trauma da separação do útero, irá determinar uma série de comportamentos na vida adulta. Os medos das crianças, em relação a tomar iniciativas, a lançar-se em novas descobertas, estão presentes nesta

ansiedade traumática do nascimento. (PEREIRA, 2009a, p.78) O trauma do nascimento determina o recalque, no nosso inconsciente.

O segundo recalque, que se mistura com o medo na criança, é causado pela separação da mãe, no período do desmame. Estas experiências traumáticas da vida da criança são determinantes de dificuldades, na área da sexualidade na idade adulta.

O homossexualismo, o masoquismo, o exibicionismo, a fixação e o sadismo, são entendidos pelo autor, a partir da experiência vivida no útero materno. O homossexual masculino tem medo e aversão dos órgãos sexuais da mulher, porque vê neles, uma extensão do útero materno, por isso é impossível para o homossexual, o prazer sexual com a mulher.

O masoquista faz questão de sofrer na sua existência, sente prazer no sofrimento, por que regride inconscientemente, ao vínculo do ventre materno, e as dores e o sofrimento do parto. O sádico é capaz de matar mulheres e crianças, e expor as suas entranhas, para satisfazer o desejo inconsciente e a

curiosidade infantil, de conhecer o útero materno. O exibicionista, ao exhibir os seus órgãos sexuais, tem o desejo inconsciente, de regredir a nudez que viveu no útero materno.

Para Otto Rank o pivô das neuroses e as causas da dificuldade de realização e satisfação do homem, na relação sexual, estão intimamente ligados com a relação simbiótica, do vínculo com a mãe. “Todos os homens e mulheres devem fazer a passagem do trauma primordial, e conseguir viver a sua sexualidade, caso contrário, acaba tornando-se neuróticos”. (PEREIRA, 2009a, p.81)

A clínica psicanalítica, neste autor, deve levar o paciente a superar o complexo de Édipo e o da fixação simbiótica, com o ventre da mãe, para reverenciar um novo nascimento, liberto do medo, e consciente de suas potencialidades. Neste processo de superação dos recalques e traumas do nascimento vivenciados na infância, o analista, busca “libertar a pessoa, de maneira gradual, em relação as suas fixações de dependências”. (PEREIRA, 2009a, p.85) A tomada de consciência de suas potencialidades, e a posse de sua

autonomia e o uso de sua força de vontade própria, são três recursos fundamentais, da análise de Otto Rank.

3.4 Karen Horney

Nota-se em cada teoria psicanalítica, que cada autor, procura desenvolver uma abordagem, a partir da sua compreensão do ser humano, na sua complexidade existencial.

Neste contexto, apresenta-se a visão de Karen Horney (1885 – 1962) e sua clínica psicanalítica. Formada em medicina, elaborou uma teoria da Psicanálise feminina, na forma de crítica à teoria freudiana, com ênfase, nos pressupostos da psicanálise humanista. Teve boa relação com a Psicanálise humanista de Erich Fromm, durante longos anos, e fundou o “Instituto Psicanalítico de Berlin,” (1920) e a Associação para o Avanço da Psicanálise (1941). Para Karen Horney, o motor da neurose, é a ansiedade, que faz da pessoa um ser inquieto e improdutivo. Fala do medo da

intimidade, e da vivência do amor, como fatores muito presentes nos desvios de caráter, e nos sintomas da neurose básica.

Seu conceito de ansiedade básica consiste “na sensação de sentir-se pequeno, insignificante, impotente, ameaçado, em total perigo, por isto, a pessoa deve estar sempre atenta, para não sofrer seqüelas dos abusos, dos ataques, das humilhações, traições e invejas”. (PEREIRA, 2009a, p.114) A pessoa não confia em ninguém e nem em si mesmo. Não consegue estar sozinha, tem medo da solidão e do envolvimento emocional. Medo excessivo de temporal, medo de germes e da altura, pode estar ligado a este tipo de fragilidade neurótica. Existe um sentimento de hostilidade e agressividade neste tipo de neurose, que torna a pessoa, uma vítima de “coitadinho” ou um insuportável dominador, para amenizar o seu conteúdo de inferioridade e se defender de alguém que possa prejudicá-lo, ou lhe fazer sombra.

Na sua teoria, Karen Horney, discorda da conceituação de Freud sobre o complexo de Édipo, entendendo que esta fase de identificação dos filhos pelo sexo oposto, não tem raízes sexuais e

biológicas, e sim, nas suas experiências, de afeto e amor. “O objetivo maior das crianças, quando se aproximam em relação a um dos pais, não é questão de gênero, e muito menos algum tipo de desejo sexual, e sim, a busca de segurança e amor”. (PEREIRA, 2009a, p.118)

De tal maneira, que a criança pode também identificar o inverso, ou seja, o desamor, e o comportamento neurótico dos pais. No entender de Karen Horney, “não existe um desejo sexual, ou alguma conotação erótica entre os irmãos e pais, em relação à sexualidade, por isto, não cabe esta denominação de complexo de Édipo”. (PEREIRA, 2009a, p.118)

Nesta visão de Horney percebe-se que os conceitos machistas de Freud, com relação à sexualidade; não encontram sustentação. Freud errou, ao reduzir a compreensão dos conflitos entre o homem e a mulher, à inveja ou à ausência do pênis, bem como, à teoria da competição inconsciente, para explicar a dificuldade do diálogo e a aproximação entre ambos. O seu diagnóstico psicanalítico da neurose básica tem a relação com três fatores:

1º - em relação ao paciente consigo mesmo;

2º - em relação com o outro;

3º - em relação a um estilo de vida, bom ou doentio, para a saúde emocional.

3.5 Harry Stack Sullivan

Na teoria de Harry Stack Sullivan, as relações interpessoais, são de fundamental importância para o diagnóstico psicanalítico. É impossível ao homem, na visão de Sullivan, realizar seus objetivos e satisfazer suas necessidades, sem a capacidade de relacionamento com o outro.

Nesta relação do homem com o outro, em todas as suas formas, acontece o aprendizado, de forma positiva ou negativa.

Quando acontece o fenômeno das perdas, a morte de um amigo, uma mudança brusca na cidade, uma doença grave, a solidão, o isolamento num país distante,

percebe-se o quanto o ser humano, é dependente em suas relações. O isolamento completo é sinônimo de morte psicológica e doença mental. (PEREIRA, 2009, p.128)

Por isso, na clínica de Sullivan, se dá atenção ao desempenho humano e as suas relações, sonhos e fantasias, sobre determinada realidade, e sobre o seu próprio corpo. O analista deve estar atento às alterações do corpo do paciente, e as suas relações com as suas vivências emocionais. Durante uma sessão analítica, ocorre uma comunicação emocional, muito importante para a compreensão do paciente, que o analista não pode deixar passar despercebida.

A qualidade da aprendizagem dos símbolos, das palavras e das imagens, tem fortes implicações sobre seu estado psíquico, e pode interferir na sua relação com os outros, com a comunidade e consigo mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO HUMANISTA

A conceitualização de humanismo assume diversas formas de expressão e interpretação do homem, na evolução das ciências do conhecimento. Na verdade, “o homem sempre esteve num processo de humanização; de um estado primitivo arcaico, ligado à barbárie, para o desenvolvimento de uma consciência do vir a ser, através do conhecimento tecnológico e psíquico”. (PEREIRA, 2008, p.7)

Desde o momento em que o homem inicia o seu processo de curiosidade, pela descoberta de si mesmo e da sua finalidade na existência, inicia-se um processo de formulação de conceitos sobre si mesmo e o mundo.

Assim se desenvolveram diferentes expressões de humanismo; desde o humanismo grego, que acentua como valor o amor e a liberdade, o humanismo cristão, que acentua o amor à divindade, a solidariedade e o amor a si mesmo; e na

Idade Média, com o Renascimento, dando ênfase à pesquisa literária, e os humanismos da Idade Moderna, dando ênfase, ao estudo do homem na sua existência, e no seu lugar social.

Merece destaque no desenvolvimento das diversas formas de expressão do humanismo, pensadores, como Confúcio (551ac), no seu ideal de reconstrução da sociedade, pela educação do homem, em conexão e harmonia com a natureza; Sócrates (469ac), na sua proposta filosófica de autoconhecimento do homem; Platão (428ac), na formulação do seu conceito de homem ideal, a partir da metáfora do mito da caverna; Aristóteles (384ac), na sua visão realista de homem e de mundo, a partir da relação de causa e efeito, e a sua formulação epistemológica, a partir da realidade. Jesus Cristo, no seu projeto divino, de amorização e de resgate da dignidade perdida do ser humano.

Outros nomes vão aparecendo como personalidades importantes, que deram sua contribuição na área da arte, da filosofia, da astronomia e do conhecimento científico, para a formulação de novas formas de compreensão do homem, e das suas relações com o mundo.

Leonardo Da Vinci (1452), na sua reprodução artística da natureza; Nicolay Kopernic (1473), com sua teoria revolucionária do heliocentrismo, sobre o sistema solar; Vincenzo Galilei (1564), com a revolução da física, e a observação do universo, através dos recursos das suas invenções telescópicas. René Descartes (1596), com a teoria da autoridade da razão, para o conhecimento absoluto e crescimento do homem; Emanuel Kant (1724), com o seu “apriorismo” empírico e imperativo categórico idealista; August Comte (1798), com a sua teoria da ditadura das ciências exatas e do positivismo; Feuerbach, com a sua teoria do materialismo, que reduz o homem a pura matéria, que se cria e se recria a si mesmo. Carl Marx (1818), com a sua teoria da imposição do socialismo, através da luta de classes e da superação da religião. Kierkegaard, Sartre e Heidegger, na sua visão humanista, existencial. Charles Darwin, (1809), na sua teoria da evolução e seleção natural das espécies.

Este processo de evolução do conhecimento científico, sem dúvida, trouxe uma revolução no modo de compreender o homem, na sua realidade e

complexidade existencial, e nas suas relações com o universo.

Na tentativa de compreender a sua origem e o seu destino final, o homem, movido pela paixão do conhecimento racional e empírico, acredita ter encontrado a resposta e a solução para todos os seus problemas.

A partir desta valorização do conhecimento racional e empírico, só vale como verdadeiro e científico - nesta visão – aquelas verdades que podem ser calculadas, pesadas, experimentadas e demonstradas em laboratório.

Pensadores como Feuerbach, Nietzsche e Marx, aparecem como aqueles que têm a última palavra sobre o homem e sobre a existência.

Este modelo de ciência mais comprometida com o lucro do que propriamente com o homem, ou pensando no homem como um fim de ganhar dinheiro, direcionou todas as pesquisas a fim a fim de que estivesse comprometida com o domínio tecnológico, com a produção do conhecimento com a força ideológica e comercial. Materializaram-se as relações

onde a moral da pesquisa e a compreensão do homem se tornaram fria, calculista, distante e descentralizada, apesar de fazer uma enormidade de avanços e descobertas. (PEREIRA, 2008, p.13)

Muitas correntes de pensamentos com base no racionalismo, no materialismo e no iluminismo, se engendraram e outras se desenvolveram com vigor, a partir do final do século XIX como uma nova chave do conhecimento científico, para a compreensão do enigma do homem e a sua destinação final.

Merece destaque nesta compreensão do homem, correntes como o fenomenismo de Husserl (1859), com a sua compreensão fenomenológica do homem, no seu “desein”. O existencialismo, com Kierkegaard (1859) contribuindo com a sua noção de transcendência. O existencialismo ateu de Jean Paul Sartre (1905 – 1980) com a sua visão trágica e pessimista do sentido da vida do ser humano e da sua existência. O vitalismo de Nietzsche (1844) com a sua

tese de superação do homem e da morte de Deus, para a criação do super-homem.

Nesta ânsia incessante de responder às questões mais profundas sobre a sua condição na existência, o seu bem estar, a sua liberdade e a sua destinação final, o homem afunda, cada vez mais, na angústia, na desesperança e no vazio existencial.

Nem as teorias fundamentadas no imperativo da razão, nem as idéias iluminadas do existencialismo de Sartre, nem o avanço da tecnologia, conseguem preencher o vazio e a ânsia de completude do ser humano.

Na verdade as constantes descobertas da ciência, a proliferação de doutrinas e ideologias da modernidade, não conseguiu frear a ganância, a dominação, e a barbárie, e os resultados desastrosos das duas guerras mundiais, mostrando que o domínio da razão, o progresso econômico e tecnológico, são insuficientes e incapazes para resolver os problemas da humanidade, e o que é pior, podem estar a serviço da destruição e da morte do seu próprio inventor e de seu habitat.

A ciência se torna estéril, fria, calculista, descomprometida e enraizada nos resultados dos seus laboratórios, tornando-se cada vez mais, uma teoria obsoleta, sem sentimentos e emoções, priorizando as especialidades, desconectada da totalidade do ecossistema.

A nova compreensão do homem, na visão do humanismo, surge justamente como uma forma de resgatar a essência da humanidade perdida do ser humano, através de um novo parâmetro de desenvolvimento.

O humanismo surge justamente para contrapor a este modelo que mata a criatividade e torna o homem um objeto de falso manuseio, apático, triste, distante de si mesmo, uma máquina que cumpre tarefas repetidas da era industrial. (PEREIRA, 2008, p.17)

Neste estado de esvaziamento do homem moderno, o humanismo se levanta como um grito de socorro da humanidade, em favor da sua humanização e da preservação da vida. A “questão central do

humanismo é como solucionar no homem moderno, o egoísmo, o individualismo, a competição, o materialismo, a insensibilidade e o socialismo”. (PEREIRA, 2008, p.9)

A partir da psicanálise de Erich Fromm, novos conceitos e uma nova maneira de compreender o homem, abrem as portas para a inclusão dos valores humanos, do acolhimento, da afetividade e do vínculo de amizade e confiança na relação – analista e paciente.

Ele soube com sutileza como filósofo e sociólogo, talvez por não ser da área médica, e estar mais ligado às ciências humanas e sociais, perceber a indiferença da psicanálise com os problemas existenciais, afetivos e sociais. Inconformado com o positivismo científico das ciências naturais incorporados a teoria psicanalítica, optou por dar à psicanálise uma diretriz humanista e social. (PEREIRA, 2008, p.16)

Esta nova visão sobre as instâncias inconscientes levou este psicanalista a pensar sobre o legado humano, uma

humanidade que leva em consideração o ser humano na sua totalidade. Ao incluir as pulsões e emoções, a ciência psicanalítica começa a levar em consideração a importância de olhar o homem dentro de uma visão multidimensional. Ao estudar o inconsciente sobre a ótica cultura e social conseguiu ampliar e defender uma nova visão sobre a interpretação simbólica e das imagens das fantasias e sonhos.

Fromm foi o primeiro psicanalista, a admitir que na relação terapêutica, existe uma relação afetiva, e que as necessidades mais urgentes de qualquer pessoa, seria desenvolver suas potencialidades criativas, experienciando de uma forma gradativa, a aprendizagem de dar e receber amor. (PEREIRA, 2008, p.15)

Este novo jeito de fazer psicanálise, sem dúvida, determina o distanciamento, e faz a diferença da Psicanálise Humanista de Fromm, em relação à psicanálise ortodoxa, arraigada aos dogmatismos da teoria psicanalítica de Freud, como veremos com maiores detalhes e

profundidade, na abordagem sobre a sua prática psicanalítica a seguir.

4.1 A teoria e a prática clínica da psicanálise humanista de Erich Fromm.

Para entender a teoria humanista da psicanálise de Erich Fromm, precisa-se, começar pelo conhecimento das suas origens.

Nascido a 23 de março de 1900, em Aquisgran, Alemanha, Erich Fromm é filho de pais descendentes de judeus praticantes, que lhe deram uma base sólida, dos princípios do Judaísmo. Sua relação com o pai, devido sua rigidez e distanciamento afetivo, não foi das melhores. O que resultou na sua aproximação melhor com a mãe, a quem confiava suas queixas, e períodos de depressão. Sua experiência com a neurose familiar lhe proporcionou as bases para a formação da sua teoria: A PSICANÁLISE HUMANISTA.

Na sua visão humanista, a vivência concreta do amor e da relação do afeto, são condições fundamentais, para o desenvolvimento emocional do ser humano.

Sua experiência afetiva com o pai foi marcada pela obediência e recriminação. De tal maneira, que no lugar do amor de pai, ele viveu na realidade, a experiência do medo e do respeito em relação ao pai, chegando a identificar nele, um forte complexo de inferioridade, quando estudante em Heideberg.

Esta ambivalência do amor e ódio ao seu pai provocou uma aliança com os mais fracos; optava por defender qualquer pessoa, diante de alguma injustiça frente a autoridades; sempre se comovia com as brigas contínuas em casa, o distanciamento afetivo, a submissão de sua mãe, a quem tomara a defesa; a falta de liberdade de expressão, principalmente no que se refere ao diálogo, levaram esse futuro garoto, a se assumir diante de sua existência, com alguns valores

fundamentais por toda a sua vida.
(PEREIRA, 2006, p.18)

A sua boa relação de amizade com o empregado de seu pai de nome “Oswal Sumann”, homem que tinha uma visão socialista, muito reta da existência, e a sua experiência negativa diante do suicídio de uma amiga, que desejava ser sepultada com o seu pai, despertou-lhe profundo interesse, por compreender os dilemas humanos da existência. Também a influência do Judaísmo, foi marco decisivo na sua inquietude humanista desde sua tenra juventude, e nortearam todos os seus fundamentos da sua teoria humanista.

A convivência com estes homens, e a leitura dos profetas, proporcionou-lhe uma idéia clara de existência do homem em uma determinada civilização, seus dilemas, injustiças e violências, mostravam a dificuldade de viver em sociedade. No entanto, percebeu no homem, este desejo ardente de superação de seus medos e ambições, para poder alcançar a humildade e simplicidade, a justiça social e

humanitária, tão necessárias para o processo de evolução de consciência do homem no seu processo civilizatório. (PEREIRA, 2006, p.20-21)

4.2 Idéias fundamentais do humanismo de Erick Fromm.

Como filósofo e psicanalista, Erich Fromm, se distanciou dos moldes da psicanálise dogmatista de Freud, e abandonou as práticas autoritárias do Judaísmo, em favor de uma proposta de humanização da humanidade, através do resgate da sua dignidade de existir.

Ao perceber esta atitude de neutralidade na clínica psicanalítica e para com a vida do paciente, decidiu agir diferente, criando a partir da relação terapêutica, a recuperação da confiança mútua, da reciprocidade, da amizade, do elo afetivo, do comprometimento em restabelecer a saúde do paciente, num ambiente, onde ambos se nutriam

de uma atmosfera de credibilidade e responsabilidade. (PEREIRA, 2006, p.25)

De Sullivan, Fromm incorporou alguns elementos importantes na sua formação de psicanálise humanista, de modo especial, a sua compreensão do homem em constantes relações interpessoais.

Deste conceito, e logo depois, com Karen Horney, Fromm ampliou a sua compreensão, se referindo ao homem, nas suas relações multidimensionais e integrais: biológica, antropológica, social, cultural e política.

Nesta nova visão, Fromm acrescenta um novo modo de ver a relação terapêutica, valorizando, não só as relações pessoais, mas as relações inter, intra e transpessoal. “No seu entender o tratamento na psicanálise deve buscar a eficiência e qualidade, despertando os valores humanitários para poder viver a sua plena humanidade”. (PEREIRA, 2006, p.26)

Sua inconformidade com a doutrina de “absolutização da libido”, na psicanálise dos seguidores ferrenhos de Freud, e com

a frieza da relação, analista e paciente, como um procedimento médico terapêutico, o leva, junto com Karen Horney, a partir para a fundação em 1943, da “Associação para o Avanço da Psicanálise” na qual permaneceu como membro honorífico por um tempo, não podendo atuar como docente, porque não era médico. Solicitado pelos estudantes a realizar análise e supervisão clínica, teve o pedido negado por parte da direção, que temia abrir precedente a não médicos exercerem a atividade de psicanalista. Isto veio a ser o estopim para a instalação da crise de Fromm com o conselho da faculdade, e com a postura de Horney, e que desemboca, no seu desligamento da sociedade, ainda em 1943. Desligado da associação Fromm junto com outros profissionais da área da psicanálise, em:

[...] 1946, fundaram o Instituto de Psiquiatria, Psicoanálises y Psicología Willian Alinson White, com o objetivo de estudar as ciências humanistas e sociais. Proporcionando uma formação na teoria e prática à “psiquiatras, psicólogos, párcos, pastores,

trabalhadores sociais, enfermeiros, médicos, para ampliar seus conhecimentos utilizando-os nas suas profissões”. (PEREIRA, 2006, p.27)

Com esta abertura, cria-se uma ruptura com o modelo tradicional da formação em Psicanálise.

[...] agora, qualquer profissional poderia ter acesso ao conhecimento psicanalítico, não só pelo fato de ser psicanalista, mas, enriquecer-se deste conhecimento [...] inicia-se neste ano, um processo de abertura e socialização do saber psicanalítico, dentro de uma visão humanista e transdisciplinar [...] do conhecimento, para entender e descrever as “complexidades inconscientes do homem”. (PEREIRA, 2006, p.27-28)

Concluindo, esta reflexão sobre a teoria humanista de Fromm e sua prática clínica na psicanálise, passo a redigir textualmente as considerações de Pereira, sobre o método da

psicanálise humanista, e as suas diferenças, com relação ao procedimento clínico, e a interpretação das neuroses na psicanálise clássica e dogmática de Freud.

O método do trabalho clínico na psicanálise humanista, defendido por Fromm, é conhecido como funcional totalmente diferente do método causal e genético da psicanálise clássica. Em relação à interpretação dos símbolos, e metáforas dos conteúdos do discurso, desenvolve uma lógica de explorar o presente, por algum tipo de trauma que aconteceu no passado. O método funcional de Fromm tem como objetivo, descobrir a vivência emocional inconsciente, e sua relação com a situação experimentada pelo paciente. Ao conscientizar essas vivências, o paciente acaba realizando a catarse emocional, do seu conteúdo inconsciente, em relação a suas atitudes do presente. (PEREIRA, 2009a, p. 159)

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE PSICANÁLISE HUMANISTA COMO CIÊNCIA DA HUMANIZAÇÃO

Como percebemos, na abordagem da psicanálise humanista, o objetivo fundamental de sua tese, é o ser humano na sua integralidade; como ser racional, dotado de corpo, razão, espírito e emoções.

A realização, a felicidade e a sua qualidade de vida e saúde, estão profundamente ligadas ao seu processo de humanização, numa dimensão e compreensão integral de sua humanidade.

A contribuição da Psicanálise, como ciência do homem, na compreensão de Fromm, não pode se limitar a uma visão fragmentada e mecanicista, aos moldes de pesquisas das ciências naturais e exatas, e sim, ver o homem na sua complexidade e totalidade. “Não podemos tratar ou curar alguém sem entendê-lo na sua complexidade.” (PEREIRA, 2006, p.304) Pereira na sua apresentação do pensamento de Fromm, defende a necessidade de avanço do conhecimento científico, numa posição aberta em relação

à complexidade que o ser humano se apresenta.

Não é aceitável como paradigma de pesquisa científica, o conhecimento do homem, que abarcar somente uma parte ou fragmento da sua totalidade.

Este modelo de ciência atual nos impõe uma condição muito precária, para contextualizar e compreender as manifestações, de toda a complexidade emocional e do inconsciente humano. A realidade das ciências sociais e humanas, e principalmente a psicanálise, exige da parte do pesquisador, uma orientação mais aberta e flexível para compreender a expressão da totalidade do fenômeno estudado; não se trata somente de especificar e de limitar o fenômeno em si, é preciso relacioná-lo em todo o contexto de sua interação ambiental, social, histórica e econômica. (PEREIRA, 2006, p.180)

Este avanço científico, não pode desmerecer os aportes do conhecimento das outras ciências, nem tampouco se

ensimesmar, como possuidores de toda a verdade.

A prepotência e o fechamento, não trazem nada de produtor, ao avanço científico. Esta atitude, pelo contrário, reduz a possibilidade de evolução do conhecimento científico, e concentra no seu bojo, a conseqüente limitação de uma ideologia.

A dogmatização, absolutização, o fechamento e o reducionismo ideológico, são contraditórios, e não se compatibilizam com a compreensão integral do homem, na visão da Psicanálise Humanista de Erich Fromm.

A psicanálise humanista, em sua concepção básica, confirma o pensamento de Erich Fromm com o objetivo de retirar as pessoas de suas prisões neuróticas, de todos os seus medos, e não visa fundar doutrinas sectárias, e nem estabelecer verdades supremas e incontestáveis. (PEREIRA, 2006, p.196)

Nesta compreensão, a Psicanálise Humanista, se apresenta como a ciência renovadora do futuro da humanidade. Esta

renovação, não se dá pela intervenção de um messias, alheio a própria humanidade do homem. Pelo contrario, é o próprio homem, que se descobre como agente de sua renovação.

É nesta tomada de consciência, e na posse de sua energia vital e humanizante, que o homem, se renova na sua totalidade em espírito e verdade. A sua reconciliação com a sua humanidade e com as suas emoções, lhe proporcionam um novo estado de liberdade, para desabrochar para a capacidade de amar a si mesmo, e se relacionar com liberdade, diante dos outros e do universo.

É mais do que obvio que este processo de renovação e libertação do homem, não acontece num passe de mágica. A tarefa do analista será de ajudar este ser humano a renovar-se, e potencialmente livre, a fazer parte do novo homem.

Se analisarmos, quais os objetivos desta ciência chamada psicanálise, chegarão à conclusão, que ela tem como propósito dar segurança, e não ser um amuleto, preparar a pessoa para a

autonomia e não torná-la débil e fraca, a reencontrar-se com suas próprias verdades, e não tornar-se cúmplice de escravidão conceitual e teórica, levar a desenvolver suas potencialidades e criatividade, e não manipulá-lo com mitos e falsas esperanças. Em fim, “proporcionar durante o processo analítico, vários “insights” para que ele amplie o raio de compreensão sobre si mesmo, tornando-o mais íntegro e livre, diante de sua própria existência”. (PEREIRA, 2006, p.196)

Este método de cura da psicanálise, sem dúvidas, dá sustentação a sua cientificidade. Como ciência, ela segue um método próprio, desenvolve uma hipótese sobre as causas dos problemas, e demonstra resultados.

Neste sentido a psicanálise, como a ciência do homem, tende a apresentar uma teoria sobre a natureza humana, e nisto não é diferente das outras ciências, que trabalham com conceitos e interpretações de dados, baseados nas pesquisas e nas

deduções, ou controlados por estas, e não diretamente observadas em si mesmas. (PEREIRA, 2006, p. 20)

O que diferencia a Psicanálise em relação às outras ciências, é que o seu objeto de pesquisa, se dá a partir da subjetividade humana, que não pode ser experimentada “in vitro”, e nem se enquadra, aos padrões de pesos e medidas das outras ciências.

Para Erich Fromm, esta ciência do homem, a Psicanálise, não pode ser experimentada em laboratório, “in vitro” e sim, “in vivo”, em favor da humanização do ser humano. Seu método e resultados dão sustentação, a sua posição como ciência do homem, que estuda o ser humano, na complexidade das suas relações, a partir da interpretação das vivências inconscientes.

O que faz da Psicanálise Humanista de Fromm, um avanço na Psicanálise, em relação à psicanálise ferrenha às teorias de Freud, é a sua compreensão do homem, como ser em relação, na sua transcendência e totalidade.

Na visão da psicanálise fechada dos seguidores de Freud, o núcleo central, que determina toda a etiologia da neurose da alienação mental do homem, são as suas pulsões libidinais. Este conceito limita a compreensão do homem, apenas a uma pulsão vital, como se o homem, fosse reduzido à sua expressão sexual.

Aqui está a diferença entre a psicanálise clássica e a psicanálise humanista; enquanto uma busca a força básica, que motiva as paixões e dos desejos da libido, [...] na psicanálise humanista, a força mais poderosa que motiva a conduta do homem, nasce das condições da sua realidade existencial, social, política, econômica, cultural e educacional. Erich Fromm dava uma importância a outras influências na formação do caráter, como sendo uma segunda natureza, dizendo que a teoria de libido é biológica, com uma orientação psicológica, mecanicista, fundamento da teoria clássica. (PEREIRA, 2006, p.157)

Partindo da sua visão integral do homem, Fromm propõe a necessidade de revisão dos conceitos da psicanálise clássica. Defendia a idéia de se fazer uma revisão em alguns conceitos da teoria Freudiana clássica; na teoria dos impulsos, do inconsciente, da sociedade, do corpo feminino, da sexualidade, e do método psicanalítico.

Pereira propõe ainda um maior aprofundamento na sua concepção de natureza humana, no seu conceito de energia psíquica, na finalidade dos instintos, e na sua visão do tratamento psicanalítico.

O conceito do inconsciente Freudiano era a sede dos impulsos reprimidos, principalmente, nas vicissitudes da ação da libido, no desenvolvimento infantil, e sua visão de sociedade, se limita a uma crítica da repressão sexual. Já na psicanálise humanista, a visão do inconsciente, se estende a todas as suas dimensões, sociais, culturais, histórica, política e econômica; não fica reduzida a uma preocupação organísmica,

para descrever o modo operacional, da maquina perfeita, chama corpo humano. (PEREIRA, 2006, p.158)

Para compreender o homem na sua integralidade, se faz necessário, ao pesquisador, a capacidade de abertura; para compreendê-lo nas diversas formas de existir e relacionar-se, como ser de consciência, inteligência e emoção, em constante processo de evolução.

Esta condição existencial do homem na natureza faz dele, um ser único, inquieto e especial, em busca de completude e aprimoramento, nas suas relações consigo mesmo, com o outro e com o universo.

Desde a sua fase mais primitiva, comum ao mundo animal, o homem depende na sua originalidade e no seu desejo de completude, dos demais seres, em seu processo de desenvolvimento. Por isso, para compreender o homem na sua originalidade e complexidade, se torna mais do que necessário, partir de sua realidade existencial, e da sua busca de completude na sua relação em todas as suas dimensões.

Quanto mais o homem se descobre na sua capacidade de relações com o outro, mais ele avança no seu processo de completude e aprimoramento, e vai desenvolvendo um processo de aprendizagem, ao longo dos tempos. Neste processo, os seus instintos naturais, a sua relação tribal, a sua relação com as forças da natureza, a sua crença na divindade, e a sua evolução da inteligência, são de fundamental importância, para compreensão de sua personalidade.

Cada ser humano apresenta na sua constituição biológica, um misto de uma materialidade comum a todos os animais, e uma qualidade espiritual singular, que o diferencia totalmente em relação a todos os seres do universo.

O homem é o único animal, para o qual, a sua própria existência, constitui um problema que tem que resolver e não consegue escapar. Não pode regredir ao estado pré-humano de harmonia com a natureza, tem que seguir desenvolvendo a sua razão até conseguir ser dono de sua

natureza e de si mesmo.
(PEREIRA, 2007, p.153)

Nesta singularidade espiritual de ser humano, reside a sua capacidade de raciocínio, de inteligência, de criatividade, de relacionamento e de transcendência.

Como ser único, de consciência e autoconsciência espiritual, o homem ocupa uma posição privilegiada, e de distinção diante de todos os seres da natureza, e pode dispor dela, em função da sobrevivência da espécie e da sua humanização e completude.

Quanto mais o homem aprofundar a sua relação de consciência e harmonia espiritual, com a multiplicidade dos seres da natureza, e consigo mesmo, mais ele se completa, se humaniza e evolui na sua condição humana existencial.

Por ser o homem um ser necessitado, e dependente em suas relações multidimensionais, a sua construção pessoal, harmonia e completude, está totalmente vinculada à natureza e qualidade de suas relações existenciais.

Nesta dinâmica de construção e evolução do ser humano, o seu

investimento na qualificação, humanização, e na busca de harmonia nas suas relações, são de fundamental importância.

Nesta interação, entre a natureza humana e primitiva e a natureza humanizada, com valores morais e éticos, se torna possível transcender e alcançar com simplicidade e humildade, o espaço comunitário e social, tão importantes para o desenvolvimento de seu caráter. (PEREIRA, 2007, p.153)

A existência é o espaço físico e temporal, onde o homem realiza e se realiza no seu processo de evolução. “Todo o ser humano é uma potencialidade em ação, em cada descoberta, em cada aprendizagem, em cada relação, ele aproxima-se cada vez mais de sua própria humanização”. (PEREIRA, 2007, p.207)

Cada ação do ser humano em favor do seu habitat, e de sua humanização no mundo, o eleva a uma dimensão de completude e transcendentalidade. Esta relação vital de harmonia e reconciliação do ser humano com sua originalidade

natural, só se realiza na sua totalidade, quando o homem se sintoniza com sua unidade existencial, como ser em construção, e em constante vir a ser, dotado de um organismo físico, raciocínio e pulsões emocionais.

O fato de existir no mundo, o ser humano coloca-se, em confronto com suas necessidades, de amor, de afeto, de dinheiro, de amizades, de posição social, e diante disso, encontra-se num paradoxo sem saída, precisa criar, inventar para poder dar conta de suas buscas. E fundamental juntar todas as suas forças e transformá-las em coragem. Esta situação, num primeiro momento, parece impossível de alcançar, mas ao longo do percurso do caminho, sua obra vai se tornando uma realidade, além disso, esse esforço desencadeia na essência do seu ser muitas qualidades, tais como ousadia, determinação, perseverança, coragem, confiança, inteligência, e condições básicas, para aprimorar-se como ser eficiente

capaz, realizado e empreendedor.
(PEREIRA, 2007, p.168)

Nisto se fundamenta, a
necessidade de conexão do homem com
sua unidade essencial, no seu processo de
desenvolvimento integral.

6 A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE HUMANISTA NO PROCESSO DA CURA

Partindo de uma compreensão integral do ser humano, a Psicanálise Humanista entende que a maioria das enfermidades, surge como um grito de socorro do organismo, diante de alguma forma de dor emocional, estruturada no porão da sua mente inconsciente.

O princípio primeiro da teoria psicanalítica, é de que forças inconscientes acabam interferindo ou influenciando sobre os sintomas psicossomáticos ou bloqueios emocionais. Esta pulsão vital aparece nas imagens, sonhos, fantasias e outras formas de comunicação, denunciando alguma emoção reprimida, que acaba instalando-se como doença no organismo. Este sintoma necessita de uma tomada de consciência, para poder reabilitar o equilíbrio antro-bio-psíquico-social.
(PEREIRA, 2007, p.101)

Procura-se através da identificação do conteúdo e da intenção das emoções, restabelecer um canal de comunicação com a sua energia vital, em função da cura da doença.

Na constatação de Pereira, assim como a mente inconsciente pode desencadear um processo cancerígeno no organismo, num determinado momento, também poderá desencadear um processo de cura. Como o organismo tem a capacidade constante de regeneração e de se redesenhar, a cada minuto, porque não aceitar a idéia possível, de recriar, até mesmo um novo órgão e uma pessoa saudável? Nosso corpo passa por um processo de modificações a todo o momento.

Qualquer parte que tiver que tocar neste momento não é a mesma de três semanas atrás. A cada cinco dias adquirimos uma nova parede estomacal. A pele se renova a cada cinco semanas. O nosso esqueleto, que parece algo rígido e sólido, é totalmente modificado a cada três meses. [...] Se tudo isso acontece de modo inconsciente dessas ações no organismo,

podemos então considerar, que este inteligência, sabe que tipo de alimentos e proteínas que são necessários, e aquelas que precisam ser expelidas. (PEREIRA, 2007, p.103)

No reencontro desta energia e pulsão de vida retida no inconsciente, a psicanálise busca nelas, o seu significado real. Somente depois que a pessoa toma consciência do significado real das suas emoções, e dos seus efeitos na sua mente inconsciente e no seu comportamento, é que ela passa a compreender a qualidade de seu conteúdo. A tarefa do analista é ajudá-lo a compreender-se na complexidade do seu mundo inconsciente, proporcionando uma “*metanóia*” e transferência saudável em favor da cura.

Numa visão humanista da Psicanálise, o paciente não é visto apenas como um organismo doente, a modo da psiquiatria, mas como um ser racional, dotado de corpo, espírito e emoções, numa dimensão integral e transcendente. É um processo lento, que exige em primeiro lugar, do paciente, a confiança no tratamento e a decisão pela cura através

da recuperação do amor por si. E da parte do analista, requer-se domínio técnico, e uma compreensão ampla das patologias psicossomáticas, e habilidade para interpretar os seus conteúdos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu propósito ao iniciar o presente trabalho era discorrer sobre “A contribuição da Psicanálise Humanista para compreensão das doenças Psicossomáticas” a partir dos livros do Dr. Salézio Plácido Pereira. Movido por este objetivo tentei destacar as principais passagens de suas obras, que mais aprofundam a pesquisa acerca deste tema numa visão humanista da psicanálise a partir dos conteúdos de aulas e da minha compreensão e aprendizado na relação com os pacientes, no estágio inicial, e na supervisão clínica.

Percebi que somente a partir de uma visão de totalidade do ser humano, se torna possível a compreensão em maior profundidade, da etiologia de suas enfermidades e suas relações com o seu conteúdo emocional.

É neste contexto, que concluo e defendo a psicanálise humanista de Erich Fromm, a partir das obras do Dr. Salézio Plácido Pereira, como uma importante contribuição de significativo alcance e profundidade.

Com certeza, esta nova visão do homem da Psicanálise Humanista como agente de sua humanização – faz das obras do Dr. Salézio e de sua fundação humanística em Santa Maria, RS, uma forte bandeira de avanço na área da psicanálise.

BIBLIOGRAFIA

ENCICLOPÉDIA Barsa, VI 5. Rio de Janeiro: Britânica Editores Ltda, 1967.

PEREIRA, Salézio P. **Psicopatologia Humanista e Existencial**. Santa Maria: ITPOH, 2009.

_____. **O Dilema do ser Humano na Existência**. Santa Maria: ITPOH. 2007.

_____. **A Teoria e a Prática Clínica de Freud a Fromm**. Santa Maria: ITPOH, 2009a.

_____. **Considerações sobre Psicanálise Humanista de Erich Fromm**. Santa Maria: ITPOH, 2006.

_____. **A Complexidade do Inconsciente na Psicanálise Humanista**. Santa Maria: ITPOH, 2008.

KEPPE, Max André R. **Curso Básico de Psicanálise. História, Teorias e Técnicas de Psicanálise**. São Paulo: Inteligente, 2006.

**OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO
TEMAS DA PSICANÁLISE
HUMANISTA:**

- **Vínculo do Reconhecimento: A Procura do Olhar Materno** (Ana Paula de Melo Batista)
- **Autoestima e o Processo de Envelhecimento** (Cereley R. Jobim)
- **A Criança e o Atendimento Psicanalítico** (Eliziane Dias Arrojo Perobelli)
- **A Interpretação do Silêncio na Psicanálise Humanista** (kátia Duarte)
- **A Importância da Análise Pessoal: O Valor da Psicanálise no Processo do Autoconhecimento** (Mara Inês Morin)
- **Observando a Dor na Visão da Psicanálise Humanista** (Milene Teixeira)

- **A Escuta Terapêutica na Psicanálise Humanista** (Terezinha Maria Pavei Zanette)
- **A Construção da Liberdade Feminina: Considerações Sobre a Mulher na Atualidade** (Danila de Lima)
- **O Significado da Análise Humanista na Qualidade de Vida do Paciente** (Lori Lucatelli)
- **Simbiose e individuação** (Patrícia Carlotto Schneider)
- **O homem integral - A Conquista da Saúde, da Consciência e da Felicidade.** (Renato Dias Nunes)